

2ª PARTE

ESTUDOS

A COMÉDIA ANGÉLICA, DE JOSÉ ALBANO

Linhares Filho

A *Comédia Angélica*¹ constitui uma das mais relevantes composições do poeta cearense José Albano (1882-1923), cuja excelência no poetar foi apontada por poetas e/ou críticos da envergadura de Américo Facó, Tristão da Cunha, Tristão de Athayde, Da Costa e Silva, Antônio Sales, Agripino Grieco, Sílvio Júlio, Manuel Bandeira, Braga Montenegro e Sânzio de Azevedo.

Importa salientar a falta de conformidade do autor aos cânones estéticos do seu tempo, pois, como afirma Sânzio de Azevedo, “ele versejava à maneira clássica no declínio do neoparnasianismo e do Simbolismo”.² Dir-se-ia um neoclássico sem o timbre do Arcadismo e, embora influenciado pelo poetar camoniano, traz a originalidade de sua própria dicção. De um modo geral, a racionalidade da poesia de José Albano sobrepõe-se, quase totalmente, à imagística e, tratando-se do caso específico da *Comédia Angélica*, a alegoria religiosa, a par com o racional, substitui quase de todo o que Ezra Pound chamaria de fanopeia,³ preservando-se, assim, a poeticidade do texto.

A racionalidade, porém, quanto à cronologia, apresenta-se inverossímil no que tange à apresentação da panorâmica dos fatos bíblicos e históricos, que, sendo focalizados como tempo presente do paraíso, decorrerão no futuro. Tudo se explica dentro da lógica mística, uma vez que a eternidade não possui a mesma dimensão das ocorrências temporais.

Podemos até aproximar o que acontece na *Comédia Angélica* do que se dá em *Os Lusíadas*. Aqui, porém, Camões concebe poeticamente como profecias certos fatos que já têm ocorrido, ao passo que Albano, em seu poema, antecipa fatos que se realizarão.

E não estamos a focalizar a antecipação cronológica do acontecimento fulcro que motivou a luta entre os anjos da *Comédia Angélica*, que esse está por conta do que explicam os teólogos. Referimo-nos é a outros fatos bíblicos adiante apresentados.

A figura do Verbo Encarnado teria sido apresentada aos anjos para que estes o adorassem. Porque Lúcifer e os anjos, seus seguidores, tomados de orgulho, como entendem os teólogos, não se submetessem à adoração do Deus-Homem, foram expulsos do paraíso pelo arcanjo Miguel e os seguidores deste. Ao *Non serviam!* (“Não servirei!”) de Lúcifer, que desejaria igualar-se a Deus, responde Miguel por meio de seu próprio nome: “Quem como Deus?”

A figura de Maria, a mãe de Cristo, comparece ao texto de Albano com grande destaque, uma vez que ela constitui o meio humano para a Encarnação do Verbo de Deus, que deveria ser adorado por anjos e homens.

Admira-se o modo como o poeta fundamenta as ideias de sua arte impecável, de perfeição e simplicidade clássicas, na dogmática cristã, católica, haurida, naturalmente, da formação jesuítica que teve. Braga Montenegro, no monumental prefácio que escreveu para as *Rimas*, refere-se à *Comédia Angélica* com magistrais considerações e afirma que Albano serviu-se “diretamente da Bíblia, cujo fundamento moral e religioso tratou com os requintes exegéticos de um doutor da Igreja”.⁴

Já na “Loa para a *Comédia Angélica*” privilegia-se Maria, a partir do fato de a cena se passar em Lourdes, a respeito de cuja gruta mariana e milagrosa canta o coro de pastoras: “E até que enfim desponha /A alta ventura, /Corra a água desta fonte /Perene e pura.” (p.132)

Na “Loa”, vê-se que as reflexões e os questionamentos entre a Razão e a Desrazão bem como os argumentos da Fé, da Esperança e da Caridade baseiam-se no pensamento escolástico de Santo Tomás de

Aquino, no qual, como afirma o Pe. Leonel Franca, “nem se desprezam os direitos da experiência nem se conculcam os princípios da razão”.⁵ Mostra José Albano que a revelação e a razão ajudam-se, pois, nas palavras de Franca, “o supra – racional não é anti-racional”⁶ e mais: “a fé longe de contrariar a razão, lhe alarga a esfera de conhecimento.”⁷

Notem-se, no texto que prepara o leitor ou o ouvinte para o poema dramático, épico e místico em foco, os recursos poéticos da personificação e da intertextualidade. Esta, de acordo com as próprias notas do autor, faz-se com o *Memorare*, de S. Bernardo, o *O Divina Mea* e o *Anima Christi*, de Santo Inácio.

Na *Comédia Angélica* propriamente dita, participam Miguel, Adão, Coro de Anjos, Gabriel, Rafael, Eva e Lúcifer, e a cena toda se passa no paraíso. Após a descrição das maravilhas do paraíso terrestre feita por Miguel, avultam as especulações ontológicas de Adão: “Sou, não era e contudo me parece /Que sempre fui. [...] Pois não sei apesar de todo empenho /Quem sou, aonde vou nem donde venho.” (p.146) Cabe a Miguel identificar Adão: “Tu és humano e tens Adão por nome /E uma essência que nunca se consome. /Tu vens da mão de Deus que te governa /E um dia há de chamar-te à glória eterna.” (p.147)

Segue-se a apresentação da identidade do arcanjo Miguel e a confissão da prática das virtudes teologais por parte de Adão. Miguel recomenda a Adão o louvor a Adonai ou Deus como forma de gratidão pela obra criada. Depois, pede-lhe atenção para o conhecimento do mundo mediante os sentidos.

A recomendação seguinte de Miguel a Adão é de que este viva os sete dons do Espírito Santo, enquanto Adão almeja que o Todo-Poderoso faça que o “sumo prazer lhe seja perene” (p.152) e pede ao arcanjo que o guie para que cumpra a lei de Deus.

Miguel apresenta a Adão as hierarquias dos anjos em número de nove, e o coro angelical, bendizendo a Deus, intertextualiza o livro de

Daniel e anseia por que as tribos de Israel louvem a Adonai. O coro dos anjos apresenta os arcanjos Gabriel e Rafael.

Gabriel anuncia a criação de Eva e prevê a da Mãe do Filho de Deus: “Que, assim como da aurora nasce o dia, / D’Eva também há de nascer MARIA.” (p.157)

Ante o encantamento de Adão por Eva, após o sono, esta se refere aos anjos em refrão: “Anjos do céu que estais aqui comigo, /Dizei-me onde se encontra o meu amigo.” (p.161) Segue-se um elogio do coro angelical à beleza e formosura de Eva. Antes de se verem, Adão e Eva se imaginam. Para a descrição de cada um, avulta mais que em outros trechos a imaginação do poeta. Dialogam, ocorre o jogo amoroso e com sutis e sublimes palavras se declara o himeneu do casal primeiro.

Cabe a Gabriel antecipar a imagem de Maria, enquanto o coro apresenta o relacionamento da Virgem com as pessoas da Trindade como Esposa, Mãe e Filha e afirma que as várias virtudes a acompanham. Faz que se vislumbre em triunfo o desfile dos patriarcas, profetas, evangelistas, apóstolos e santas mulheres bíblicas.

Como mensageiro, Gabriel preliba “O Redentor, que antes de ser já era”. (p.171) E, diante da futura humanização do Filho de Deus, afirma: “Deus quer que os altos ânimos se domem /E nós, os anjos, adoremos o Homem”.(p.171) Registra-se a confissão de adoração dos arcanjos ao Homem–Deus e, conseqüentemente, a veneração a Maria, “Dos anjos e dos homens a Rainha”. (p.173) Assoma, então, a insubmissão de Lúcifer, que parece concentrar-se com maior força de orgulho nestes versos ora destacados:

E nunca aos pés me curvo
da Criança
Que no regaço da Mulher descansa.
Nasci anjo e esquecer-me nunca posso
Da alta excelência e do alto
estado nosso:

*Mais vale (e o pensamento não
me engana)
A angélica substância do que a
humana. (p.178)*

Seguem-se alterações verbais entre Lúcifer, Miguel, Gabriel e Rafael, apostando Gabriel em que o capitão angélico abata os vícios capitais, desafiando Lúcifer o seu adversário, que, contra a audácia do outro coloca a confiança em Adonai. Rafael preliba o sofrimento de Cristo e, pelos méritos deste, roga a Maria. O coro angelical repete o refrão: “Roga por nós, ó Virgem Mãe MARIA”, (p.184) e Rafael roga a esta pelos mistérios da ressurreição e ascensão de Jesus, da vinda do Espírito Santo, pela assunção e coroação da Mãe de Cristo.

Registra-se a descrição da luta entre Miguel e Lúcifer, com detalhes de arremetidas épicas, na voz de Gabriel arcanjo, que com estas palavras finaliza o seu discurso:

*Tal o arcanjo beligero e robusto
Co’ ardente olhar infunde frio susto
No inimigo que, vendo força tanta,
Três vêzes cai, três vêzes se levanta
E por fim em letárgico repouso
Jaz aos pés de Miguel
vitorioso. (p.190)*

Braga Montenegro observa o “antropomorfismo”⁸ entre os anjos em seu combate, mas entende-se que isso faz parte da simbólica teológica e da imagística épica. Recordamos que, em *Os Lusíadas*, já se percebeu que os deuses se humanizam e os homens, em seu heroísmo, se aproximam dos deuses, e sabe-se que essa atitude ocorre, em geral, nas epopeias da antiguidade clássica.

Após o triunfo de Miguel sobre Lúcifer, constata-se que os anjos, provados em sua submissão como adoradores ao Deus-Homem e a

ele servidores, são premiados com a entrada definitiva na glória do céu, daí o convite do arcanjo:

*Anjos que a dura provação vencestes,
Vinde comigo às regiões celestes
Onde vejo num trono de safira
ADONAI ELOIM ao qual suspira
A criatura que não vive, enquanto
Não torna ao seu princípio eterno e
santo. (p.191)*

O coro angélico descreve a visão beatífica, aludindo às pessoas da Trindade e às virtudes que exornam a morada eterna. Cantam-se louvores à “pátria nossa” e saúda-se a figura da Virgem Maria, venerada por antecipação, a quem o mesmo coro dirige os metafóricos elogios que hoje se usam na ladainha da Mãe de Deus e outros e, por fim, a invoca.

Miguel, Gabriel e Rafael respectivamente assinalam a cruz, a âncora e o coração, símbolos das virtudes teologais, e conclui-se o poema com o coro a cantar louvores a Deus: “Glória a ADONAI agora e eternamente”. (p.199)

Na realidade, a *Comédia Angélica* contribui, pela grandeza do seu espírito místico e épico e pela perfeição artística da sua dicção neoclássica, para a elevação do nome de José Albano como um dos maiores poetas da Literatura Brasileira.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ Albano, José. *Rimas*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

² Azevedo, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Publicação da Academia Cearense de Letras, 1976.

³ Pound, Ezra. *ABC da literatura*. Apresentação de Augusto de Campos; tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1990.

⁴ Braga Montenegro. José Albano: estudo crítico. In: José Albano. *Rimas*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966. p.29

⁵ Pe. Leonel Franca S.J. *Noções de história da filosofia*. 17^a ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964. p.104

⁶ Ibidem. p.105

⁷ Ibidem. p.105

⁸ Braga Montenegro. Ibidem. p.30